



UM DIA MATEUS CHEGOU A SAGRÉS E OS LEITORES BRASILEIROS DEVEM CHEGAR À NÉLIDA PIÑÓN

Rodrigo Nunes de Souza  0000-0001-6298-500X
Mestre em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande
nunes-rodriigo@hotmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v2i1.2108>

Recebido em 15 de março de 2021

Aceito em 29 de junho de 2021

Lançado em 2020 pela escritora brasileira Nélida Piñon (1937-), o romance *Um dia chegarei a Sagres* foi produzido durante estadia da autora em Portugal, processo semelhante ao conceber seu clássico *A República dos Sonhos*, publicado originalmente em 1984, e considerado pela crítica sua obra-prima. Este e outras obras da autora foram agraciados com vários prêmios e com o recém-lançamento não foi diferente: recebeu o grande **Prêmio Pen Clube de Literatura 2020**, atestando, assim, o porquê de seu nome constar entre os grandes nomes da literatura brasileira contemporânea.

Um livro que já se inicia épico, com passagens de encher os olhos e arrematar o leitor com as descrições de um Portugal marcado por um ambiente embebido de machismo, memórias e um passado histórico e cultural. Lendo-o, já se pode afirmar sem grandes ressalvas: é um dos romances mais fantásticos da autora!

No auge reclusão, por questões ligadas à saúde e ao momento pandêmico que se encontra o Brasil, *Um dia chegarei a Sagres* é um livro muito fascinante, principalmente com a virada que o enredo dá, após sucessivas descrições de uma Lisboa marcada pelas intempéries do passado: do desejo de chegar a Sagres, o que tanto anseia Mateus, protagonista-narrador da obra, o que se concretiza e passa a nutrir as inquietações que outrora lhes causava dúvida, raiva, curiosidade, estafa e até as recordações de um passado que, em um momento meio mágico, reverberam no presente do personagem: os conflitos que envolvem seu nascimento, cujas memórias Mateus prefere resguardar a travar uma luta com o avô, de nome Vicente, a fim de esclarecê-las.

É como se fosse um duelo entre ele, Mateus, contra ele mesmo – envolvendo memória, como citado acima, aspectos da vida, sexualidade, entre outras coisas que o perturbam e, concomitantemente, o tranquilizam, pois encara Sagres como sua ‘terra prometida’. Entre tantas questões que o afloram, a questão do erótico, brilhante trabalhada pela autora, ao mostrar as inquietações de Mateus, diante do amor impossível por Leocádia, e por que não?, do africano Akin – uma dúvida que inquieta, dessa vez, os leitores, pois, em sucessivas metáforas para as satisfações sexuais do personagem, não se sabe o que realmente acomete o interior do protagonista: seu ‘amor à primeira vista’ por Leocádia ou o desejo, tido como ‘pecaminoso’ por Mateus, pelo africano Akin, trazido da Costa do Marfim pela tia da suposta amada.

Matilde e Leonor são outras personagens que merecem destaque, principalmente a primeira: austera, fria, frígida, parece sentir uma sagacidade toda vez que põe Mateus, que a desafia como pode, em situações-problemas, como hostilizá-lo na feitura de algum serviço ou ao tentar cortejar a sobrinha, filha de Leonor (uma sombra insossa da rabugenta irmã). A austera personagem, cujo enredo deixa claro que é dona de si, é, praticamente, odiada por todos, como Nuno e Maria, amigos de Mateus que tentam, a todo custo, fazê-lo desistir do amor de Leocádia, pois Matilde, tia desta, trata o romance como algo inconcebível, por isso a vinda de Akin: a fim de afastar o migrante das terras da família, tudo indica que o negro, na verdade, sente-se atraído por aquele que, com poucos recursos, decide enfrentar a poderosa Matilde.

Outro feito em *Um dia chegarei a Sagres*, sem dúvida, é problematizar a masculinidade, como os pontos levantados acima, abordando e descrevendo a atração entre dois homens em uma narrativa histórica, cuja penalização por parte do clero é constantemente revelada por Mateus, que tenta, a todo custo, fugir desse desejo, mas, às escondidas, refestela-se em masturbações e na leitura de bilhetes que o negro deixa para ele entre pedras que funcionam como uma espécie de ‘lugar de encontro’. Disto isto, a autora põe em xeque como o patriarcado, nesta narrativa de cunho histórico, afeta a subjetividade dos homens, visto que Mateus e Akin tentam lutar contra a atração que sentem, mas temem as punições que, primeiramente, virão da fé que nutrem e acreditam ser um ato pecaminoso. Em outras obras da autora, como o romance *A Casa da Paixão* (1997), essa relação de amor proibido, sendo, nesta narrativa, o desejo incestuoso do pai por Marta, sua própria filha, também é abordado e não deixa claro para o leitor se, de fato, houve consumação carnal.

É interessante, também, como Mateus, mesmo sabendo da negativa do avô Vicente de revelar o ódio que sente por Joana, filha deste e mãe de Mateus, o protagonista sente um amor-ódio por ela: sempre se refere a si (e a outros, até mesmo a uma criança que é gerada após um homem obrigar Mateus a ‘manter relações’ com a esposa) como um “filho da puta”. É um julgar a si e aos outros, mas não com o intuito da condenação, do ajuizamento moral.

Aqui, ele faz lembrar muito Caetana, protagonista de outro romance de Nélida, intitulado *A doce canção de Caetana* (1998). Tem algo de amável e perverso ao mesmo tempo. Enquanto Mateus deseja chegar a Sagres, tentando encontrar-se, buscar a si, um olhar do “eu” para o “eu”, Caetana, atriz em um circo mambembe, no referido romance, retorna a Trindade, após uma partida misteriosa de vinte anos, disposta a viver Maria Callas, grande dama da música clássica, e seu sonho de vivê-la no palco. Mas, para isso, a atriz deve resolver suas contas com o passado, especialmente com Polidoro, o homem que tanto a amou, e com a ira de Magnólia, esposa deste, que a responsabiliza por seu casamento fracassado ao lado de daquele que não mede esforços para entender a ausência e reconquistar Caetana. Assim como quem amadurece e não abandona o pueril,

Mateus é um personagem marcante: como Caetana, sente vontade retornar a Lisboa, para a companhia dos seus, mas, ao contrário daquela, segue seu rumo a terra que tanto almeja estabelecer-se e não retorna às suas raízes lusitanas, como a histórica província do Minho, onde viveu as mais acalentadoras experiências ao lado do avô Vicente. Sem dúvida, *Um dia chegarei a Sagres*, é mais um grande romance na vasta produção literária da autora.

A questão de Joana, prostituta, mãe de Mateus, a quem o abandona aos "cuidados" do avô Vicente, serve para se constatar como agiam com as mulheres que não seguiam aquilo que o pai determinava – uma das marcas da dominação do homem, mesmo que seja a figura do pai, sobre as mulheres. Uma crítica ao patriarcado e que sempre está presente nas obras de Nélida – inclusive, a autora se considera uma “feminista histórica”. Infelizmente, ainda muito forte hoje em dia, dada as devidas proporções que se levantam a partir das impressões sobre a personagem, a pequena trajetória de Joana, pequena não em grau de importância, mas, sim, por não apresentar um desenrolar mais aprofundado, caso assim se pode chamar, fica nas entrelinhas, não há um desenvolvimento para esse comportamento ou porquê da a rejeição de Vicente para com a filha. Fica claro, porém, que Joana não o obedecia, rompendo com o que ele, seu pai, e a sociedade, espera de uma mulher. Ou seja: rompe com os pressupostos do patriarcado. Este que determina uma submissão da mulher aos seus ditames ou respeito às regras que este sistema designa. No romance, afora a rebeldia de Joana, que não fica claro, cabendo ao leitor percebê-la pelo contexto, Vicente também passa a rejeitar a filha quando esta se torna prostituta.

Essa problematização, do comportamento da mulher frente a uma sociedade patriarcal, faz lembrar de Esperança, a filha de rebelde de Madruga, já citado do romance *A República dos Sonhos*, considerada, conforme mencionado, a obra master da autora, cuja reedição, em comemoração aos seus 30 anos de publicação, saiu em 2015, com novo projeto gráfico, capa dura e uma gama de textos que exaltam o épico que marcou a carreira literária de Nélida Piñon, como o da sua grande amiga Clarice Lispector (1920-1977). Com Esperança, há uma discussão mais aprofunda e, assim como Joana, Madruga também fica com um rebento para cuidar. Neste caso, uma neta, Breta, que, para desespero do avô, também se torna contestadora como a mãe, herdando o espírito de libertação da mulher que mãe, problematizando, inclusive, a submissão da avó Eulália aos mandos e desmandos de Madruga, avô de Breta. Em *Um dia chegarei a Sagres*, com Joana, esse ar de contestação fica mais nas entrelinhas, o que não anula, nem compromete a narrativa. Pelo contrário: deixa o personagem Mateus mais rico no seu desejo de chegar a famigerada Sagres e realizar seus desejos.

Com isso, percebe-se que, na narrativa, não há um desvelo para o piegas e nem se torna uma espécie de "perdão" para o que Joana fez – abandoná-lo assim que nasceu e o deixou para trás, aos cuidados de Vicente e de Ermelinda, madrinha e vizinha de Mateus. Esta, vale ressaltar, que tão rapidamente aparece na história, é uma linda personagem, com um epílogo de igual lindeza: revela a Mateus aspectos do seu passado, como ser filho de uma prostituta e o quase abandono do avô, por este nutrir uma raiva descomunal da filha. Uma madrinha, literalmente, para o pobre Mateus, a quem, antes da partida, pediu para que velasse seu corpo de acordo com seu desejo. Ermelinda é um dos pontapés, sem dúvida, para motivar o protagonista-narrador partir em direção a Sagres.

A relação entre ambos, mãe e filho, como o leitor já pode imaginar, não é nada fácil. Ao partir, é a Joana que cabe a tarefa de cuidar dos animais, sentimento este que seu avô Vicente fez questão de ensiná-lo, como ao cuidar da ovelha Antônia, espécie de

“verdadeira” filha para o velho, e Jesus, o jumento, a quem o personagem principal desta história muitas vezes se confessava, tendo-o, inclusive, como irmão e conselheiro. Dessa despedida, entre Mateus e Joana, há uma espécie de perdão, metaforizado, aqui, por meio daquilo que ele tanto amava: os animais. Seria essa, então, a oportunidade de Joana redimir o abandono e, quem sabe, nutrir algo maternal a quem negou no passado? Não se sabe ao certo.

Ao concluir *Um dia chegarei a Sagres*, retorno da autora ao gênero romance (o último foi o também premiado *Vozes do Deserto*, em 2004), após se dedicar a livros de contos, ensaios e memórias, já nos primeiros capítulos, foi o suficiente para fisgar e desejar que Mateus realize e se encontre. Em Sagres. No amor (seja este com Leocádia ou com Akin.). Na vida. Tudo é possível quando se trata de Nélida Piñon, atual integrante da Academia Brasileira de Letras (tomou posse em 03 de maio de 1990) e ex-presidente da mesma instituição, tendo sido eleita em 1996, marcando-se, assim, como a primeira mulher a ocupar este cargo na casa criada por Machado de Assis, autor que Nélida reverencia e não esconde sua admiração. *Um dia chegarei a Sagres* é mais um romance que comprova sua habilidade em trabalhar, não só com a linguagem, a qual sempre é lembrada, com aspectos da sociedade que não ficam datados, como a diáspora, a libertação da mulher e recontar a história de povos, destacando sua cultura. A Literatura de Nélida Piñon é pulsante. O público, certamente, ganha com o bombear linguístico dessa e de outras palavras que a autora ainda tem a brindar quem deseja ler sua obra. Se Mateus, um dia, chegou a Sagres, os leitores brasileiros já chegaram a Nélida Piñon, imortal da Literatura brasileira.

Referências

PIÑON, Nélida. **Um dia chegarei a Sagres**. Rio de Janeiro: Record, 2020. 510 p.

PIÑON, Nélida. **A República dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984

PIÑON, Nélida. **A República dos Sonhos**: Edição comemorativa 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015

PIÑON, Nélida. **A Casa da Paixão**. Rio de Janeiro: Record, 1997

PIÑON, Nélida. **A doce canção de Caetana**. Rio de Janeiro: Record, 1998

PIÑON, Nélida. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004